

Foto: La Voz da Galicia



A viagem de lazer de cinco galegos aos Açores termina em quarentena por um terado positivo para a Covid-19 e não quiseram separar-se

A La Voz da Galicia conta que cinco espanhóis vieram de férias aos Açores, um ficou positivo, ficaram todos de quarentena e não sabem quando podem voltar. A Autoridade de Saúde Regional confirma que este grupo está de quarentena por opção. Isto é, uma delas teve resultado positivo no teste de despiste ao SARS-CoV-2. Isso faz com que os restantes elementos do grupo sejam contactos de alto risco, esse agravado pelo facto de partilharem o alojamento. Nestes casos, para a protecção da sua saúde e da restante comunidade da ilha de São Miguel, o procedimento clínico é ficarem em isolamento profilático até o caso positivo com o qual coabitam estar recuperado e obterem eles próprios resultado negativo”, referiu a Autoridade de Saúde Regional. O grupo podia ter ficado num hotel, o positivo ficava em confinamento, e os restantes quatro que eram negativos podiam fazer a sua vida normal e até regressar à sua terra natal. Como não quiseram separar-se têm todos de ficar confinados.

Saíram da Galiza a 2 de Setembro para fazer uma viagem que deixa a sua marca. 72 horas antes, estes cinco galegos (dois de Santiago e três de Vigo) - Lydia, Fernando, Consuelo, Bruno e Xan - fizeram o teste de PCR e deram negativo. Eles tinham um mês inteiro pela frente para usufruir do arquipélago e descobrir cada uma de suas ilhas. Desembarcaram em Santa Maria, seu primeiro destino. Depois de apresentarem todas as análises, tiveram uma maneira livre de se movimentar. Restava apenas um requisito: Teriam que repetir o teste quatro dias depois. No dia 7 receberam o primeiro telefonema dos serviços de Saúde da Região. Dois deles tiveram resultado negativo. Poucas horas depois, foram informados do positivo de um dos três restantes, que teve que ser confinado. Desde então, há mais de duas semanas que permanece isolados. Apesar do positivo, assintomático, está isolado dos restantes numa sala, as autoridades açorianas não permitem que os outros quatro terminem a quarentena e nem mesmo que façam outro PCR até que o do parceiro seja negativo. Uma circunstância que pode se estender no tempo, pois a carga viral pode permanecer durante meses em um organismo.

Encontram-se ainda na casa que escolheram para a sua viagem de lazer e que puderam alugar por mais dias, quando foram informados da situação, visto que o Governo dos Açores, dizem, os informou tardiamente da possibilidade de se alojarem num hotel gratuitamente durante o período de quarentena no arquipélago, sem lhes pagar, sim, o que já tinham pago pela casa.

“Cumprimos os protocolos, embora não os compreendamos, mas criticamos as poucas informações que recebemos das autoridades, que apenas nos dizem que devemos ficar isolados, mas não até quando... E, acima de tudo, queremos alertar potenciais futuros turistas que eles podem se encontrar nessa situação surreal”, explica Xan, uma pessoa afectada. Os Açores, frisam, têm os seus protocolos e estiveram dispostos a correr riscos, pelo que o que pretendem agora é alertar os potenciais turistas que, apesar de ser vendida como zona livre de coibiça, pode virar uma armadilha. “Estamos numa casa grande. Aquele que deu positivo tem quarto e casa de banho próprios, respeitamos todas as medidas. Ficamos todo esse tempo no asilo e agora eles não querem fazer os exames até que dê negativo”, criticam. Afirham já ter contactado o cônsul espanhol, que lhes disse que não se trata de uma situação anómala, visto que muitos espanhóis estão afectados. “Não adianta ser testado em laboratório privado, pois o teste institucional sempre prevalece. Não entendemos que para um positivo cinco pessoas fiquem presas durante 15 dias. Estamos a viver um pesadelo; neste momento desaconselhamos viajar para os Açores. Deparamo-nos com uma espécie de parede sólida que é a Autoridade de Saúde dos Açores. Ligam-nos todos os dias para perguntar como estamos, mas não respondem às nossas perguntas. Como quatro pessoas com teste negativo podem ser confinadas por 22 dias sem serem informadas de nada?”.

O próximo teste para o que deu positivo é no dia 25 (ontem), e será repetido dois dias depois (amanhã, Domingo). Se for negativo, o resto será PCR. Mas se der positivo novamente, a situação dos outros quatro pode durar mais. Uma viagem difícil de esquecer, refere a La Voz da Galicia.

A Autoridade de Saúde garante que tem acompanhado a situação de todos os elementos do grupo, através da linha de vigilância activa, tendo informado, desde o início, que a Região assumia os encargos com a estada, em unidade hoteleira designada para esse efeito, dos casos positivos e dos seus contactos próximos, o que permitiria separá-los. Este grupo permaneceu no mesmo alojamento por escolha dos próprios”, reafirma a Autoridade de saúde Regional. N.C.

Cesto da Gávea Andorinhões e bicos de prego



Por: Vasco Garcia

Thomas Joseph Maher era um amigo e colega irlandês que partilhou comigo algumas das iniciativas pioneiras que, nos primeiros anos da nossa adesão à CEE, tiveram lugar na Comissão de Agricultura do Parlamento Europeu. TJ (tee-jay) Maher, quando foi eleito eurodeputado pela Irlanda, trouxe consigo um acervo de qualidade, experiência, veteranía e sabedoria que ganhou imediatamente a minha confiança e amizade. Membro do GLDR-Grupo Liberal, Democrático e Reformista do Parlamento Europeu desde 1984, conheci-o em 1986, quando o PSD integrou esse grupo político. TJ vinha da presidência da Irish Farmer's Association, a poderosa associação irlandesa de agricultores que dirigiu com firmeza e competência durante muitos anos. Entre várias missões que fizemos juntos, trouxe-o aos Açores, para conhecer a nossa realidade. E, das muitas histórias que vivemos lado a lado, recordo a do andorinhão irlandês, contada por TJ num almoço com dirigentes micaelenses da lavoura e das pescas.

No fimdo repasto, passadas algumas estórias manifestamente exageradas que alguns dos presentes contaram, TJ contou a do andorinhão. Quando os mais velhos do bando avisaram que era tempo de voar do norte irlandês para o sul, porque o inverno estava a chegar, o andorinhão valentão deixou-os ir, para ficar com as moscas e os insetos só para ele. Era forte, pensava o pássaro; depois ia ter com os outros. Quando esfriou e choveu, voou para sul. Mas a chuva aumentou, começou a nevar - e a salvação foi acolher-se àquele estábulo, onde uma providencial defecação de vaca o aqueceu de novo para a vida. Tanto recuperou que piou alto, despertando aquele gatarrão agachado numa barrica, que de um salto, papou o pássaro. Concluiu TJ Maher que “nem todos os que te colocam na bosta são teus inimigos, nem todos os que te tiram dela são teus amigos, e quando estás nela, o melhor é ficar de bico calado”. Lembrei-me de TJ e desta estória ao ouvir algumas das perorações com que nos inundam certos políticos de meia tijela, convencidos que o que aprenderam nos berçários das jotas partidárias substituiu o saber adquirido nos institutos e universidades. Então, ostentam nos curricula a bandeira da formação política, obtida frequentando “universidades” partidárias, ignorando o ridículo em que um

dia cairão, quando se fizer luz sobre a sua incompetência maliciosa. Temos abundantes exemplos pelo mundo fora, nem sendo preciso sair de Portugal e das nossas ilhas para encontrar uns quantos.

Uma das características desta fauna de aviário é a capacidade para “virar o bico ao prego”, vilipendiando o mensageiro e descartando a mensagem. Pouco lhes importa se o que dizem ou fazem é certo ou errado, desde que lhes sirva o objetivo e salvaguarde o ego. A mostra mais evidente vem da excecível dupla Trump/Jonhson, mas não só, porque pelas nossas bandas, proliferam idênticos paranóicos dessa natureza. Felizmente que também existem exceções em sentido contrário, quer nos governantes, nos quadros superiores da Administração Pública ou das empresas privadas. Contudo, numa Região Autónoma insular e dispersa como os Açores (ou mesmo num país pequeno como Portugal) é visível o surgimento de compadrios entre os vários setores, nomeadamente no binário política/economia, com manifesta complacência do eixo banca/finança. A técnica mais vulgarizada por líderes como Trump ou Johnson é a do atrás citado “virar o bico ao prego”, demonstrada pelo americano quando afirma que, se perder a reeleição, não aceitará o resultado (mas se ganhar, nem o discutirá!) ou pelo inglês, quando renega o que assinou com a União Europeia e exige o uso das máscaras e confinamentos, que anteriormente desprezava. Boris Johnson e Donald Trump são espalhafatosos quanto baste, malabaristas que não temem mentir ou vigarizar seja quem for, desde que isso dê votos.

Há quem julgue que a moda já pegou por cá, ao que se vê pelo número de litígios judiciais envolvendo altas figuras da política, da economia e até da Justiça. Com o aproximar das eleições regionais açorianas, a que se seguem as presidenciais nacionais, o clima político aquece e os pareceres de especialistas são discretamente ignorados perante a conveniência pessoal ou partidária. Martin Moore, catedrático do King's College de Londres, no seu livro “Democracia manipulada”, desenvolveu com ousada clareza as diversas formas de constringimento da opinião pública, agora tão facilitadas pelas redes sociais. As campanhas eleitorais terão suportes e orientações diferentes - e mal irá o governo ou partido que não dê prioridade ao digital e ao ambiente, os 2 eixos que, com a saúde, constituem preocupações máximas da Comissão Europeia. Aqui nos Açores, teremos uma oportunidade única para usar criteriosamente os fundos europeus previstos, considerando o mérito dos executantes e a produtividade dos investimentos como objetivos a cumprir, dispensando-se andorinhões e viradores do bico ao prego.